



## **Capela de Nossa Senhora de Guadalupe.**

### **Domingos Cardoso da Fonseca, Aldeia de Cima (Armamar), 1679.**

Não dispomos de muitos elementos para traçar o perfil de Domingos Cardoso da Fonseca. Sabemos, porém, que era filho de Domingos Madeira e Maria Cardoso da Fonseca (ANTT, Morgados e capelas, Núcleo Antigo 187, fl. 6) e natural da região de Lamego. A documentação relativa ao vínculo que instituirá, nos anos finais da sua vida, dá conta de que ele era licenciado. Com efeito, encontramos-lo matriculado na Universidade de Coimbra, onde levaria a cabo a sua formação, tendo frequentado, primeiro, entre 1623 e 1624, a Instituta (AUC, Índice de alunos da Universidade de Coimbra, letra C) e, depois, entre 1628 e 1631, a Faculdade de Cânones (AUC, Índice de alunos da Universidade de Coimbra, letra F). A sua formação é fator que se irá refletir na instituição do vínculo.

Em 1679, teria cerca de 70 anos, “pouco mais ou menos”, como os seus contemporâneos teriam afirmado. Estava no final da sua vida. É quando institui o vínculo, encabeçado na capela de Nossa Senhora de Guadalupe, em Aldeia de Cima, nos arredores de Armamar. O templo já estava construído, já se celebrando nele missa, e era ali que Domingos Cardoso da Fonseca desejava ser sepultado. Embora sugira que, após a sua morte, a administração da capela deveria caber a Manuel Cardoso Madeira, seu filho legitimado, reserva a decisão final para o seu testamento (ANTT, Morgados e capelas, Núcleo Antigo 187, fl. 5-15).

Domingos da Fonseca revela não apenas os cuidados de carácter espiritual, comuns neste género de fundação, mas, igualmente, a preocupação de perpetuar a memória do seu apelido, família e geração, desejando, por exemplo, que os sucessores utilizassem o apelido Madeira, clara referência a Domingos Madeira, seu pai. Demonstra ainda um profundo conhecimento das práticas jurídicas do seu tempo. De facto, não se limita a ordenar a realização de um tomo, mas detalha que este se devia iniciar com um traslado em pública-forma da instituição – realizado por um tabelião –, bem como se deviam enviar outras duas cópias, devidamente autenticadas, destinando uma à Torre do Tombo, em Lisboa, e outra ao cartório do cabido da Sé de Lamego. Além do mais, aconselha ainda a que o administrador conservasse certidões desses envios, juntas com o seu próprio exemplar da instituição (ANTT, Morgados e capelas, Núcleo Antigo 187, fl. 11-11v). Não sendo muito comum, tal preocupação de registo na Torre do Tombo, mediante o envio de um exemplar da instituição, denota bem os conhecimentos jurídicos e consciência da importância da conservação do documento de instituição.

Nos primeiros dias de outubro de 1681, Domingos sentia a morte próxima. Ao redigir o seu testamento, confirma a nomeação de Manuel Madeira, como seu herdeiro e primeiro administrador do vínculo. Nomeia também os primeiros quatro capelães que deviam officiar as duas missas quotidianas da sua capela (ANTT, Morgados e capelas, Núcleo Antigo 187, fl. 15-21v). Os registos paroquiais dão conta de que faleceu a 12 de outubro (AMD, Paróquia de

Armamar, cx. 3 n. 4, fl. 12v-13). Em maio do ano seguinte, Manuel Cardoso Madeira enceta os procedimentos para a realização do tombo, em cumprimento dos desejos do instituidor.

Importa que nos detenhamos um pouco mais no documento de instituição. Ele contém uma detalhada descrição daquilo que são tanto a capela, como o solar onde residia o morgado, que lhe está contíguo. No tocante ao templo, não só nos permite saber que não se encontrava totalmente concluído – parte do retábulo estava por dourar e algumas das imagens ainda só tinham recebido a camada preparatória de gesso que precede a policromia –, como faz eco da relevância do património integrado e móvel que albergava, nomeadamente o retábulo, com colunas e sacrário, e um conjunto de oito imagens de vulto, com cerca de quatro palmos de altura, além, claro, de numerosas alaias litúrgicas e paramentos (ANTT, Morgados e capelas, Núcleo Antigo 187, fl. 38-39v).

Terminamos com uma ponte entre passado e presente, reafirmando o valor patrimonial da capela de Nossa Senhora de Guadalupe. A sua utilização manteve-se até ao final do século XX –, sobretudo para eventos familiares, mas também como espaço ciclicamente usufruído pela comunidade que, assim, dele pôde fazer memória. O solar foi devorado por um incêndio a 8 de dezembro de 1999, que, entre muito outro património, destruiu o seu arquivo. Foi, porém, totalmente recuperado e transformado numa unidade de alojamento local. As intervenções têm-se prolongado até à atualidade, tendo decorrido um processo de recuperação da capela, ao longo do presente ano. No coração do vale do Douro, a Casa da Capela de Cima mantém viva a memória do seu instituidor (<https://casadacapela.com/>).

**Rodolfo Petronilho Feio**

**(com a colaboração da Casa da Capela de Cima)**

**Coordenação: Rita Sampaio da Nóvoa**

## FONTES

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO – Morgados e capelas, Núcleo Antigo 187.

ARQUIVO-MUSEU DIOCESANO DE LAMEGO – Paróquia de Armamar, cx. 3 n. 4.

ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA – Índice de alunos da Universidade de Coimbra, letras C e F.

